

IN MEMORIAM

Departamento de Imprensa Nacional

PALESTRA DE DOM MARCOS BARBOSA NA RÁDIO
JORNAL DO BRASIL NO DIA 2 DE AGÔSTO DE 1960

IN MEMORIAM

PALESTRA DE DOM MARCOS BARBOSA NA RÁDIO
JORNAL DO BRASIL NO DIA 2 DE AGÔSTO DE 1960

MORREU quinta-feira passada o Prof. Joaquim Costa Ribeiro, cujo nome não sei se é exatamente êsse, embora se tratasse de um nome internacional. Os amigos comuns chamavam-no pelo apelido, um carinhoso diminutivo que eu também acabara por adotar, sem usá-lo porém diretamente nos raros encontros que tivemos. Desde que eu publicara, ainda estudante de direito, os meus primeiros poemas, êle manifestava em relação aos mesmos uma admiração que me confundia, sobretudo porque me era impossível admirá-lo no campo da física, que não era aberto para mim, como o da poesia para êle. Vimo-nos poucas vezes. Na última, antes de sua última estada em Viena, onde foi dirigir por mais de um ano a Agência Internacional de Energia Atômica, chegou a combinar um encontro em que pudéssimos conversar mais longamente; a antecipação da viagem ou o acúmulo

dos preparativos (ja não me lembro) não nos permitiram realizar tal desejo. Mais dele que meu, confesso, pois intimidava-me ainda o seu prestígio, e o luto recente que trazia. Haviã sido um casal perfeito. Fôra grande o golpe. Manoel Bandeira chegou a protestar nos seus "Versos para Joaquim":

Joaquim, a vontade do Senhor é às vezes difícil de aceitar.

Tanto Simeão desejoso de ouvir o celeste chamado!

For que então chamar a que estava apenas no meio da sua tarefa?

A indispensável?

A insubstituível?

(Por isto sorri com lágrimas quando te vi, antes da missa, ajeitar o laço de fita nos cabelos da tua caçulinha.)

Ah, bem sei Joaquim, que o teu coração é tão grande quanto o da mãe melhor.

Mas que tristeza! Ela foi grande demais, estou de mal com Deus.

— *Joaquim, a vontade do Senhor é às vezes inaceitável.*

Joaquim não ficou de mal com Deus. Joaquim aceitou. Talvez pressentisse que a separação era curta. Era o tempo de ir a Viena e voltar. Soube de sua volta porque recebi um recado. Ele ouvira neste programa o meu "Diálogo da Lua e do Sol na festa da Assunção", que repeti há uns dois meses, e desejava uma cópia. Pedi a alguém que o copiasse. A cópia esteve por alguns dias na minha mesa. Cheguei uma vez a ir buscá-la, para que o seu filho a levasse. Havia desaparecido entre outros papéis, como sempre. Era difícil encontrá-la. Não queria que o moço esperasse. Depois mandava. Depois. Depois, como se o tempo e a vida nos pertencessem. Quinta-feira, num jantar de confraternização de cientistas reunidos no Brasil, e entre os quais o célebre jesuita Roser, que lhe pôde dar os sacramentos, Costa Ribeiro morria.

Gustavo Corção falou-nos de modo admirável desta sensação de falta e de falha que a morte nos traz de repente, e do modo de fugirmos a

êsse dardo pela comunhão dos santos, que nos permite pagar aos vivos o que devíamos aos mortos. Leiamos um trecho do seu artigo "Lembrança de Bernanos", que lhe fôra apresentado por Fernando Carneiro, cujo convívio não soubera aproveitar, e que então morria na França.

"Um minuto antes da notícia, mal me lembrava de seu vulto, de sua voz, de suas bengalas, de sua cólera pronta e de sua prontíssima ternura. Agora, pondo o fone no gancho, eu sentia crescer em mim, por todos os lados, em tórno, adiante, nas recordações e nas esperanças, uma falta enorme.

Desenhavam-se, com a nitidez das coisas duras que se partem, os contornos do buraco que acabara de me engulir um amigo. E eu via, ampliados e detalhados, o que deveriam ter sido os nossos poucos encontros — e o que não foram. A sensação crispada de uma frustração assaltava-me lembrando cada conversa nossa, cada gesto, cada tentativa de entendimento perfeito que se havia detido em nossos duros limites. Mesmo agora, pou-

cos dias atrás, eu devia ter escrito uma carta — e não a escrevi. Devia ter enviado umas revistas em que nós o defendíamos e que certamente lhe dariam prazer — e não as enviei. Adiará a carta, protelara a remessa das revistas, calculando, como se costuma fazer entre vivos, que o tempo é ilimitado e a vida inextinguível.

A morte projeta uma luz rasante e crua que tem a esquisita propriedade de exaltar as minudências de um passado perdido, transformando a lembrança aparentemente mais clara e mais lisa numa paisagem lunar com suas montanhas e crateras. Que importância tem agora a carta que interrompi e que não enviarei hoje a um amigo distante que ainda pertence a orgulhosa aristocracia dos vivos? Nenhuma, evidentemente. Que importância tem o gesto de enfado com que hoje afasto a criança que me puxa pelas calças? Nenhuma, evidentemente. E o telefone que não toquei, e a mão que encolhi, e a visita que adiei? A vida é uma planície imensa mal varrida, cheia de quinquilharias inúteis: cacos de gestos, cacos de palavras, por aqui, por ali, dificultando os pas-

sos... Quantas vèzes temos vontade de proceder a uma sistemática eliminação de incômodos, e de pôr um pouco de ordem nesse chão cheio de escombros?

Chega então a morte, e de repente, no cemitério das lembranças truncadas, corre um frêmito de vida. E as lembranças aleijadas se levantam, e tudo na vida passada nos parece abortivo e irremediável. Quem poderia adivinhar que aquêlê desenho de criança, representado uma casinha no alto de um morro, com um sol ingênuamente dardejante por trás, seria contemplado com religioso temor, à luz da morte, por entre a névoa das lágrimas? A mãe do menino atropelado desculpa-se de ter pôsto fora os outros desenhos. O irmão do menino atropelado chora de ter comido na véspera o pedaço maior da sobremesa. E tudo isso, entre nós, os vivos, os orgulhosos vivos, que não sentiram o gôsto dos abismos, parece ridículo, insensato, passageiro, porque entre nós parece estar definitivamente estabelecido que essas coisas miúdas são o lixo da vida.

O que no primeiro momento mais se chora no morto não é a falta que se adivinha para amanhã ou depois; é a falta atroz que êle já fez no passado. É a decepção, é o sentimento agudo de uma frustração naquilo mesmo que mais solidamente nos parecia adjudicado. A falta que o morto irá fazer dia por dia, no futuro, essa, chegará a seu tempo, envolta numa tristeza que, de certo modo, é boa e harmoniosa. Imaginamos jacilmente encontros perfeitos, soluções perfeitas, se o morto estivesse ali. Ao contrário, a retrospectão, diante da morte, deixa-nos o gôsto amargo dos encontros imperfeitos e das soluções imperfeitas. É o pêso do nunca-mais nos oprime intoleravelmente.

Nós não precisamos corar da boa e humilde saudade de nossos mortos; nem precisamos pensar que a Fé e a Esperança nos proibem as lágrimas da saudade. Mas o que não devemos permitir, de modo algum, é que se instale em nós êsse primeiro dardo com que a notícia da morte nos fere.

Eu gostaria de dizer a quem tenha seus mortos, à mãe do menino atropelado, ao irmão que

chora hoje pelo olho-grande de ontem, e aos outros que têm seus mortos, que a tristeza de não ter dado o que devia ter sido dado tem uma solução perfeita.

O insulto que a morte nos causa não pode ser vencido pela Fé e pela Esperança, que são as virtudes da peregrinação. A idéia de que o morto esteja no céu, e o consôlo de esperar que lá o encontraremos, não basta entretanto para curar a ferida das faltas que ficaram para trás. Precisamos abraçar-nos à virtude que não passa, à Caridade, que é a única que vence a morte e que desconhece a separação entre o passado e o futuro. A solução perfeita desta tremenda sabatina da morte está na transferência das dívidas. Pague-se aos outros o que já não se pode pagar ao que morreu, e vem tudo a dar na mesma, e vem tudo se encontrar na mesma pirâmide de ofertas e donativos, o patrimônio da comunhão dos santos, de cuja distribuição Deus mesmo se encarrega. Valha-nos agora essa angústia passageira causada pelo invisível para que melhor sirvamos o visível, e assim o morto começa logo na eternidade o seu ofício de

advogado dos vivos". (Dez Anos, págs. 79 a 82).

Mas não era de Costa Ribeiro nem de Bernanos que eu desejava hoje falar, mas de um menino cujos desenhos me eram mostrados domingo.

Preciso, antes, abrir um parenteses, e pedir desculpas ao ouvinte. Já uma vez não me contive, e passei todo um programa (o da festa de Santo Estevão, vejo agora) a falar do meu amigo Luciano Carneiro, que morrera dois dias antes do Natal, ao voltar da viagem extraordinária que empreendera, e que lhe permitiria comprar a cama para a filha, que devia ceder o berço ao irmãozinho que chegava. Mas tratava-se então de um repórter famoso e de um desastre de grandes proporções na véspera da mais doce festa da cristandade. Luciano era notícia. Mas agora, que desculpa para tratar de um caso pessoal, de uma dor pessoal, senão o direito de, falando tôdas as noites para os outros, falar de vez em quando para mim próprio? E dizer um pouco dessas coisas que a gente não fala, mas escreve. Ou que é capaz

de falar quando temos a impressão de que ninguém nos ouve, e de que estamos separados de tudo pelas quatro paredes do estúdio.

Vou falar hoje do menino, cujos desenhos o pai me mostrava domingo, cuidadosamente guardados numa pasta. Não, não eram desenhos de menino. Havia várias casa no morro, mas aproveitando sãbiamente as diferenças de nível, pondo aqui um jardim, ali uma varanda, mais adiante um lago ou uma rampa. Tudo era executado com um traço leve e gracioso, mas tudo fôra pesado, medido, contado: tudo supunha um volume, uma função; e pessoas que subissem as escadas e abrissem as persianas; tudo era habitado e vivo. Eram casas que sonhavam desprender-se do papel, erguer-se naqueles terrenos movimentados. Eram desenhos de arquiteto.

Foi nesse momento preciso, vendo êsses desenhos e outros ainda, êstes puramente desenhos, a mulher de azul escondendo o rosto nas mãos, o casal de costas com o filhinho ao ombro, o ritmo de velhos telhados coloniais vistos de

cima, foi nesse momento preciso que eu senti também uma sensação de falta e de perda, de algo que poderia ter sido e seria agora doce, bom, suave de ser lembrado, que me colocaria talvez mais perto ainda daquele que me mostrava os desenhos do filho, do estudante de arquitetura que deixara o ano passado o nosso colégio, e que eu nem sabia, no entanto, a carreira que havia abraçado! E *abraçado* é justamente a palavra que convém, pois vivia, só agora eu tinha notícia, entregue aos seus desenhos e às suas plantas.

Disse que o pai me mostrava os desenhos de um menino. De fato era para mim um menino. Estavam, para mim, não crescera. Eu não o vira crescer. Só consigo lembrar-me dele como na primeira comunhão e pouco depois. Preparei-o para êsse dia. Celebrei a missa em que recebeu pela primeira vez, na festa de São José, o corpo do Filho de Deus. Depois — e só me dei conta disso agora, que só me lembro dele pequeno — passei a vê-lo pouco, raramente. Nunca chegara a ser meu aluno, e

a doença, e depois trabalhos de outra espécie, me foram afastando do colégio. Via-lhe sempre o pai, as irmãs, a mãe, — e a êle, tão perto de mim no entanto, raramente, quase nunca o via. Quando me disseram que êle morrera num desastre de automóvel, era como se um menino tivesse morrido. Mas êsse menino, já me parecia distante, já me parecia recordação e saudade há muito tempo. Eu não o vira crescer. O golpe de sua morte não me atingia.

O que me deixava mudo de espanto era era aquêle casal, ajoelhado, assistindo, poucas horas depois, na igreja que lhes era tão familiar, a primeira missa por alma do que morrera. A êles, eu os vira crescer no seu amor. Eram noivos ainda. Havíamos feito um passeio a Petrópolis. Depois se casaram e eu me formara, e entrara para o Mosteiro, que êles haviam também adotado como casa. Com êles e por êles é que eu podia sofrer, sentir, de um modo indireto e acrescido, o peso daquela morte. “Nós éramos felizes demais, meus filhos eram bons demais, Deus precisava tirar alguma coisa!” A vontade

de de Deus, que parecia ao poeta inaceitável, era agora, mesmo naquele momento de surpresa compreendida no seu sentido mais profundo, de não ser lícito participar da Ressurreição sem passar primeiro pela Cruz.

Era a mãe que falava. E eu lhe lembrei então o que ali mesmo, naquele adro do Mosteiro, há mais de doze anos, ela me havia contado: Estevam não podia compreender como São José, avisado pelo anjo no massacre dos Santos Inocentes, não avisara também as outras mães, para que fugissem com os filhinhos. Ele não advertira que apenas fôra dito a José que fugisse, que o seu filho adotivo corria perigo, mas que nada lhe haviam falado do plano horrendo de Herodes. Que teria então movido o coração de Estevam — o Estevam menino que eu conheci de perto? Seria o sangue das criancinhas, sacrificadas um pouco mais cedo que êle? Ou a dor daquelas mães que não queriam consôlo? A mãe de Estevam não precisa de consôlo. Ela consola os outros.

Estevam. Não foi um nome profético que puseram no filho? Os Atos dos Apóstolos nos mostram o jovem Estevão, cheio de graça e força, mas prostrado no chão e coberto de sangue.

Também os Atos nos falam do entêrro de Estevão: era o primeiro mártir, depois dos pequenos inocentes, que morreram sem saber porque morriam. Era o primeiro martir. Escolhera o martírio. Os cristãos, que nem eram ainda chamados dêsse modo, venceram o medo das autoridades e promoveram um grande cortêjo fúnebre... Pensei isso também, quando, abraçado a seus pais, no momento exato em que o corpo baixava à sepultura, me perguntava a mim próprio como conseguira chegar até junto de ambos, naquele verdadeiro mar que os cercava — e os cercava inutilmente, sem nada para dizer, enquanto a mãe repetia baixinho, como quem respira: "Louvado sejas, meu Deus!"

Domingo é que eu vi que podia ter sido amigo não apenas do Estevam menino, mas também do Estevam adolescente e moço. Eu, que já falei em minhas crônicas dos meus ami-

gos arquitetos — Eduardo, Sílvio, César, Paulo, Bolonha, Luis e tantos outros — podia ter juntado ao deles o nome de Estevam, o jovem, o menino arquiteto, com apenas seis meses de Escola, sempre debruçado na prancheta.

Essa imagem do jovem debruçado e absorvido me faz lembrar o lindo poema de Cecília Meireles, intitulado "Desenho".

*Pescador tão entretido
numa pedra ao sol,
esperando o peixe ferido
pelo teu anzol,*

*há um fio do céu descido
sobre o teu coração:
de longe estás sendo ferido
por outra mão.*

O pequeno arquiteto debruçado não percebeu que um outro se inclinava sobre êle e tomava na mão a pedra viva que lhe estava faltando...